

MEMÓRIAS DA COMUNIDADE: VOZES DA EXPERIÊNCIA EM DIANÓPOLIS - TO

Pedro Henrique Gomes Paiva¹, Maria Clara Silva Dias Soares³, Luiz Felipe Cardoso Marques⁴

¹Docente de Língua Portuguesa – IFTO. Orientador. e-mail: pedro.paiva@ifto.edu.br

²Estudante do Curso Técnico em Informática – IFTO. Bolsista do CNPq. e-mail: maria.soares22@estudante.ifto.edu.br

³Estudante do Curso Técnico em Informática – IFTO. Bolsista do CNPq. e-mail: luiz.marques@estudante.ifto.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar um recorte do projeto de extensão “Memórias da Comunidade: Vozes da Experiência em Dianópolis – TO” iniciado em junho de 2025 e ainda em andamento. O projeto teve o intuito de registrar narrativas na perspectiva dos idosos com mais de 50 anos, moradores de Dianópolis. O grupo principal de participantes do projeto foi composto por integrantes da Universidade da Maturidade (UMA-UFT), Polo Dianópolis.

O trabalho foi desenvolvido por meio da escuta e do registro dessas histórias de vida, na medida em que eram rememoradas e recontadas pelos sujeitos, com o intuito de respeitar o tempo da memória e da vivência individual. Essa ideia surge a partir da leitura do livro “Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos” de Ecléa Bosi (2007), no qual ela realiza a escuta e transcrição das lembranças de um grupo de pessoas, em sua maioria trabalhadores rurais idosos.

2 OBJETIVO

Geral - Preservar a memória da comunidade dianopolina por meio da escuta e registro das histórias de pessoas pertencentes a grupos socialmente marginalizados.

Específicos

- Realizar a escuta de idosos com mais de 50 anos, a fim de resgatar suas memórias e registrá-las em um livro.
- Produzir e publicar um livro com estas memórias reunidas.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Neste projeto utilizamos os seguintes procedimentos metodológicos:

ETAPA	ATIVIDADE
01	Seleção e identificação dos participantes.
02 (concluída)	Aproximação e ambientação.
03 (concluída)	Registro e coleta de dados.
04 (concluída)	Aprofundamento nos relatos.
05 (concluída)	Redação e detalhamento.
06 (em andamento)	Finalização, apresentação e aprovação dos textos.
07 (em andamento)	Editoração, impressão e retorno à comunidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos últimos 50 anos, o município de Dianópolis, localizado no sudeste do Tocantins, passou por grandes transformações urbanas, impactando a maneira como a comunidade se relaciona com o

lugar. Essa ideia de pertencimento pode ser analisada de diversos pontos de vista, quando colocamos em perspectiva questões sociais como: as diferenças raciais, econômicas, de gênero e de idade.

Historicamente, a população negra teve sua cultura e tradição marginalizadas ou apagadas para atender aos interesses de uma hegemonia cultural branca. Este projeto é uma forma de resgatar e preservar parte da cultura, tradição e história do povo dianopolino, destacando personagens que geralmente não ocupam este lugar de protagonismo.

Os rastros deixados pela memória, como teorizou o filósofo Paul Ricoeur, são importantes elementos para a construção da narrativa histórica, pois atuam moldando a forma como a história é transmitida e compreendida no presente (RICOEUR, 2007). Nesta proposta buscamos problematizar os processos de construção da memória coletiva dos moradores de Dianópolis com base na natureza parcial dos atuais detentores da narrativa oficial, todos membros da elite local, considerando o poder da memória na construção da identidade individual e coletiva.

Para tanto, é preciso compreender que a memória do indivíduo é construída e ajustada através de suas interações e participações em grupos sociais. Segundo o sociólogo Maurice Halbwachs, a memória, mesmo que vivida por um único indivíduo, pertence a coletividade e pode ser evocada por este grupo a qualquer momento e, dessa forma, é dessa memória coletiva que são retiradas todas as bases essenciais para reconstruir partes do passado (HALBWACHS, 2003). Isto posto, também é necessário enfatizar a importância dessa narrativa histórica advinda da memória coletiva para a construção da identidade dos grupos sociais. Sobre o tema, a historiadora Márcia Motta frisa que “É preciso destacar ainda que a memória exerce um poder incomensurável na construção de uma identidade de grupo, consagrando elementos pelos quais os indivíduos se veem como pertencentes a determinado coletivo.” (MOTTA, 2011, p. 25).

Dito isto, ficam nítidos os perigos da narrativa unilateral erguida somente sob a perspectiva de um grupo com condições sociais e, por consequência, vivências muito distintas da maioria da população dianopolina, evidenciando assim a necessidade do resgate das múltiplas experiências do viver neste território, garantindo que histórias desses indivíduos, por anos invisibilizados, sejam reconhecidas, preservadas, transmitidas e, principalmente, entendidas como parte substancial da história do município.

Este levantamento de fontes orais é um esforço que vai contribuir com novas pesquisas e o aprofundamento da visão acerca das dinâmicas sociais dessa comunidade. Sobre a notoriedade das fontes orais, o historiador Rodrigo Flores comenta

As fontes orais, portanto, não devem ser enquadradas como um tipo secundário de fontes em relação às documentais, sua utilização implica na aplicação de uma metodologia específica que garante sua especificidade, desde a sua elaboração, passando por sua transcrição, disponibilização e análise (FLORES, 2022, p. 251).

O célebre historiador francês Jacques Le Goff, ao discorrer sobre o que permanece no imaginário coletivo como narrativa do passado, afirma

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. (LE GOFF, 1996, p. 535).

Por isso, entende-se como um dos papéis essenciais das Instituições Públicas de Ensino proporcionar novas perspectivas da História da comunidade na qual ela se insere para uma construção mais igualitária da sua memória coletiva e diversificação das narrativas a fim de contribuir com a multiplicidade do entendimento da realidade e fortalecer o sentimento de pertencimento ao lugar em que se vive e de reconhecimento das identidades no espaço-tempo histórico-social.

Aqui resumimos as histórias de alguns personagens que vivem em Dianópolis há muitos anos, algumas nasceram quando a cidade ainda se chamava São José do D'uro. Estes são apenas alguns exemplos das histórias que coletamos.

Memórias de Seu João Jorge

Tem 63 anos, negro, casado, aposentado, trabalhou como bancário, portador de uma doença que o faz precisar de apoio para caminhar. Ele conta sobre a Dianópolis do passado: “Olha, aqui era só um povoado, bem atrasado. O meio de locomoção, frete, transporte mesmo, era carro de boi, a cidade tinha muito pouca gente.”

Perdeu a mãe quando tinha apenas 15 anos de idade e viu o pai adoecer por conta do trabalho na olaria que lhe prejudicou o pulmão. Deixou Dianópolis para ganhar a vida em outros estados: “Na minha época de rapaz, era comum que a gente saísse da cidade da gente em busca de novos horizontes, mesmo porque aqui, nessa cidade, não tínhamos muita perspectiva. Eu trabalhei em São Paulo de ajudante de guarda, de ajudante de caminhão.” E quando retorna à cidade natal, constrói a sua carreira com trabalho duro: “Aqui eu trabalhei como auxiliar no Instituto de Contabilidade, trabalhei como auxiliar no supermercado, fazendo entregas. Naquele tempo era com bicicleta que a gente fazia as entregas das mercadorias. Fui funcionário da prefeitura, passei em um concurso da educação, fui professor por três anos. Em seguida, eu consegui passar no concurso do Banco do Brasil.” Fala sobre o racismo no ambiente de trabalho: “Quando eu trabalhava, por exemplo, em supermercado, não alcançava nunca as graças do patrão, e eu reputava isso à cor da pele, porque tinha umas pessoas que trabalhavam comigo, só por serem pessoas brancas, eram mais bem tratadas.”

Memórias de Dona Tercina

Aposentada, negra, nascida em 1963, no sítio Terra Vermelha, onde cresceu, casou-se e teve filhos. “Meu pai foi lavrador, cuidava do sítio, das plantações e dos animais. Minha mãe, além de cuidar da casa e da criação dos filhos era parteira da região.” Viveu no sítio com os pais e os 9 irmãos em uma casa de barro, madeira e palha até completar 15 anos de idade, quando precisou mudar-se para a cidade a fim de concluir os estudos. Ela conta “A escola no sítio, naquele tempo, era muito atrasada, só dava pra estudar até a segunda série. Quem tinha condições vinha para a cidade, quem não tinha, ficava por lá mesmo e encerravam-se os estudos. Então eu fui morar com meus tios na cidade, fiz até a quinta série, depois voltei para a casa dos meus pais e só saí novamente quando me casei.”

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho, começamos a compreender como a memória do lugar em que vivemos pode, muitas vezes, estar sendo esquecida ou perdida com a rapidez em que as coisas se transformam. Grande parte do desafio de coletar essas memórias esteve no fato de encontrar esse tempo para a escuta. O ato de ouvir o outro não pode ser apressado, não pode ter prazo, ter hora, é como garimpar ouro em meio às pedras sem valor no rio das lembranças.

Parte da nossa missão, enquanto pesquisadores em Dianópolis, é preservar a memória da cidade, resgatando o passado e valorizando as tradições culturais, reconhecendo nos mais velhos o valor da preservação da verdadeira e maiúscula História.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao IFTO pelo fomento e apoio na execução do projeto, que viabilizou a realização do trabalho, bem como pela concessão das bolsas aos alunos de extensão. Agradecemos ainda a colaboração da UNITINS – Campus Dianópolis, e do projeto UMA (Universidade da Maturidade) que é vinculado à UFT, bem como todos os participantes que colaboraram doando seu tempo, seus relatos e suas memórias para a materialização deste projeto.

REFERÊNCIAS

Bosi, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FLORES, Rodrigo Musto. **Memória e história oral: as interações entre a história escrita e a história vivida**. Revista *Intellèctus*, ano XXI, n.1, 2022, p. 248-263. ISSN: 1676-764.

HALBSWACHS, Maurice. **Mémoire Collective**. Paris: PUF, 1950 (A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2003).

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**; tradução Bernardo Leitão... [et. al.]. – 4 ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. **História, memória e tempo presente**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.